

RIO + 10: MUITA TEORIA E POUCA PRÁTICA

Falta de consenso em torno de assuntos vitais para o planeta imperou em cúpula mundial

Dez anos depois da realização, no Brasil, da Rio 92, a Cúpula da Terra, e da aprovação da *Agenda 21*, que reproduzia o resultado dos acordos de mais de cem chefes de Estado a respeito da adoção do chamado desenvolvimento sustentável – capaz de atender às necessidades das atuais gerações sem comprometer o direito das futuras –, o mundo assistiu, um tanto cético, à realização da Rio +10 ou Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, entre 26 de agosto e 4 de setembro, em Johannesburg, na África do Sul.

Delegados de 190 países, 109

chefes de Estado e de governo, ambientalistas e representantes de organizações não-governamentais, somando cerca de 70 mil pessoas, participaram de reuniões e negociações para elaborar um *Plano de Implementação da Agenda 21* e finalmente pôr em prática as medidas para reduzir a emissão de poluentes, evitar as mudanças climáticas, proteger a biodiversidade e também lutar por recursos para erradicar a pobreza no planeta e resolver o drama da degradação do meio ambiente.

A conferência foi precedida por bastante otimismo por parte de seu secretário-geral, Nitin Desai, que um dia antes da abertura chegou a dizer que a Rio +10 certamente apresentaria resultados concretos e imediatos, opinião endossada por Jan Pronk, enviado do secretário-ge-

ral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, que afirmou: “Não podemos deixar Johannesburg sem um acordo e o firme compromisso de colocá-lo em prática. Não queremos mais textos, já assinamos muitos deles nos últimos anos.”

O resultado, porém, ficou aquém do esperado, confirmando, de certa maneira, as previsões, essas pessimistas, da maioria dos ambientalistas e ONGs, que realizaram vários protestos durante a conferência.

Diplomatas e chefes de Estado, muitos por meio de discursos grandiloquentes, preferiram dizer que houve avanços importan-

tes, mas, ao final da cúpula, foram poucos os consensos a respeito das medidas a tomar para reduzir as emissões de poluentes, proteger a diversidade biológica, ajudar os países mais pobres, usar energia renovável (solar, eólica, de pequenas hidrelétricas), entre outros temas importantes.

No que se refere à energia renovável, aliás, o Brasil e a União Européia saíram derrotados da Rio +10, por não ter conseguido introduzir no *Plano de Implementação* metas quantitativas para o uso dessas fontes. Os Estados Unidos – que granjearam mais antipatia por não querer acordos nem metas e cujo presi-

dente não esteve presente à conferência –, Japão, Austrália e países da Opep opuseram-se às propostas e o resultado foi um acordo fazendo menção a “metas regionais voluntárias”, ou seja, cada país ou região cuida das próprias metas de renovação das fontes renováveis, com revisão periódica de seu cumprimento pela ONU.

Na opinião do ministro do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho, no entanto, houve avanços durante a cúpula e o maior deles diz respeito à biodiversidade, já que o *Plano de Implementação* prevê a instituição de mecanismos para quantificar a perda da biodiversidade e fiscalizar o cumprimento, por parte dos países, do compromisso de reduzir o ritmo dessa perda.

A cúpula foi encerrada com um apelo do presidente da África

do Sul, Thabo Mbeki, para que a sociedade civil pressione os governos a cumprir os compromissos do *Plano*: colaborar com o desenvolvimento sustentável, tendo como base progresso econômico, justiça social e proteção do meio ambiente.

O excesso de teoria e a dificuldade de haver um consenso entre os países para colocá-la em prática, entretanto, levaram o homem que idealizou a Cúpula da Terra da ONU em 1972 e a Rio 92, o diplomata sueco Sverker Astrom, a concluir que essas conferências se tornaram ineficientes para conseguir algo objetivo e deveriam ser substituídas por fóruns regionais. “As grandes conferências mundiais já fizeram seu papel e hoje são caras e produzem menos”, comentou Astrom no dia do encerramento da Rio +10.

BASIL NÃO
TEVE O
APOIO
ESPERADO

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL
FJA
Documentação
Fonte
Data
Class.

31/12/2002 - 4117
R101000142